

DA LIBERAÇÃO DO DESEJO AO LIVRE DESEJAR

Elisa Souza de Oliveira*

Resumo: O presente artigo pretende discutir o problema da liberdade do desejo na filosofia de Nietzsche a partir da oposição entre “liberdade de” e “liberdade para”, presente na sua obra trágica *Assim falava Zaratustra*. Buscaremos contrapor a tradição ocidental em seu pensamento de liberdade de caráter transitivo a uma proposição de liberdade intransitiva, conjugada a possibilidade humana criadora e afirmativa. Como forma de explicitar a tradição ocidental do conceito de liberdade como liberação, traremos elementos da psicanálise freudiana como paradigma para pensar a contemporaneidade, em especial a idéia de desejo associada a técnicas psíquicas de repreensão e de liberdade do desejo pelo relaxamento desse aprisionamento. O contraponto nietzschiano mostra que o desejo precisa ser desculpabilizado.

Palavras-chave: Desejo; Liberdade; Nietzsche; Freud.

FROM THE LIBERATION OF DESIRE TO DESIRE FREE

Abstract: This article aims to discuss the problem of freedom in Nietzsche's philosophy from the opposition between “freedom from” and “freedom to” present in his tragic work. Thus spoke Zarathustra. The problem posed by the German philosopher seeks, from his diagnosis of the death of God, to expose the Western tradition in his thought of freedom in its character of transitivity to a proposition of intransitive freedom, combined with the creative and affirmative possibility. As a way of explaining the western traditionality of the concept of freedom as liberation, we will bring elements of Freudian psychoanalysis as paradigmatic to think about contemporaneity, especially the idea of desire associated with psychic techniques of rebuke. The Nietzschean counterpoint shows that desire must be excused, that is, free of debt in order to be able to conjugate upwardly with the idea of creation.

Key-words: Freedom; Desire; Nietzsche; Freud.

Introdução

Buscamos aqui a possibilidade de discutir o tema do desejo conjugado ao problema da liberdade na filosofia. Ambos têm amplo valor semântico em nossa tradição ocidental e foram tema de diversos pensadores e filósofos.

A relação entre esses termos é de tal intensidade que pensar um desejo que não seja livre parece ser uma contradição de termos, de tal forma que nossa capacidade

* Possui graduação e mestrado em psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e atualmente é aluna do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: oliveiraelisa@gmail.com

desiderativa não seria ela mesma se não estivesse sob nosso poder. Por estar em nosso poder, é livre, como pressuponha pensadores como Descartes.

De forma geral, podemos contrapor duas concepções clássicas: uma liberdade positiva e uma negativa. A primeira diz respeito à possibilidade de ação em direção a um propósito, pressupondo um certo controle ou autodeterminação⁷⁹; a segunda se relaciona com a ausência de barreiras ou constrangimentos externos, isto é, liberdade é ausência (negativa no sentido de suprimir algo) ou presença (positiva no sentido da ação necessária)⁸⁰. Essa divisão, em geral se aplica às discussões de filosofia política e social na medida em que tem implicações no âmbito individual e coletivo.

Diferentemente desse pensamento tradicional que pensa a liberdade em seu caráter de liberação, ou seja, uma liberdade debitária de seu caráter transitivo, na medida em que sempre se vincula a um objeto do qual se liberou, Nietzsche apresenta a ideia de uma liberdade para, que, como veremos, se conjuga com a criação, um elemento teórico que se apresenta de modo particular no pensamento do alemão.

Como forma de explicitar essa diferença, buscaremos trabalhar a ideia de 'liberdade de' contida na psicanálise que propõe a liberação do desejo dos mecanismos de repressão (sexualidade) e a partir disso, conquistar a liberdade, findando a patologia neurótica. Em oposição a isso, veremos a expressão de uma liberdade contida no desejo inocente no profeta Zaratustra de Nietzsche no sentido de uma vida ascensional e criadora.

Assim, a psicanálise, como um saber que potencialmente encarna os elementos próprios à nossa contemporaneidade, pressupõe mecanismos internos que corroboram a ideia de desejo reprimido (e sua contraposição seria o desejo livre, no sentido de liberado, da repressão). Por outro lado, pela filosofia de Nietzsche, podemos chegar a uma liberdade que não é retirar algo que esta sob julgo, não é um mero liberar o desejo das teias repressivas, mas sim o contraponto de uma liberdade para desejar fora dos moldes objetuais.

⁷⁹ Hobbes, por exemplo, afirma que liberdade é "a ausência de todos os impedimentos à ação que não estão contidos na natureza e na qualidade intrínseca do agente" (Hobbes, Thomas, 1654 [1999], p. 38)

A proposta desse artigo é, portanto, pensar a crítica de Nietzsche à idéia de liberdade como liberação, usando a psicanálise como prática libertadora da sexualidade e do desejo, como exemplo da tradicional forma de pensar a liberdade como liberação e contrapor a isso seu conceito ampliado de liberdade do desejo conjugado a noção de criação.

1. A liberdade na tradição ocidental

Necessário, de início, é entender, ainda que de maneira breve, a semântica da liberdade na nossa tradição ocidental. A experiência de liberdade na Grécia clássica, por exemplo, tinha íntima relação com a autodeterminação e na ausência de condições limitantes. Livre é aquele que causa a si mesmo, tal como o exercício da virtude que depende de nós mesmos para exercê-las. A liberdade como autodeterminação, sem perder de vista a métrica da boa medida, é o horizonte grego no qual essa idéia floresce.

Dessa maneira, na filosofia de Platão, os elementos próprios ao homem, como, por exemplo, os apetites, juntos da alma e da razão, realizam um trabalho em prol da vida justa, em seus papéis específicos, em direção a vida justa. Caso a vida não tenha esse sentido orientador da justiça, as paixões não serão subjulgadas pela razão e o homem será escravizado pelos afetos. Liberdade nesse contexto é, portanto, autodomínio promovido pelo cultivo das virtudes a partir da libertação das tiranias das paixões.

No *Górgias* platônico, encontramos a discussão acerca do melhor bem do qual o homem pode dispor. Este bem se relaciona diretamente com a liberdade. Nesse diálogo, o discurso persuasivo encarna a possibilidade de, a partir dele, realizar o bem supremo que é a liberdade.⁸¹

Já para Aristóteles, apesar de seguir Platão acerca da importância do cultivo da vida virtuosa, a importância está nas escolhas individuais de modo que:

nas coisas em que a ação depende de nós, a não-ação também depende; e nas coisas em que podemos dizer não também podemos dizer sim. De tal forma que, se realizar uma boa ação depende de nós, também dependerá de nós não realizar má ação.⁸²

⁸¹ Górg., 452d-e

⁸² Ét. Nic., 1113 b 10

O homem é, portanto, a partir de deliberações sobre diferentes meios disponíveis, capaz de realizar escolhas baseadas em princípios racionais. Liberdade se relaciona a escolha entre o que tem o potencial de ser bom ou mal. Desse modo, está ao nosso alcance ser virtuoso ou cruel.

A tradição estóica e epicurista também se preocupou com o papel da liberdade na constituição da vida humana. Os estóicos e os epicuristas atribuíam o governo dos entes, inclusive a ação humana a leis ou princípios naturais. As escolhas e comportamentos humanos, apesar de sua determinação causal, possibilitavam ações autônomas, isto é, dependiam do homem. Na medida em que ocorrem através de homem, isto é, quando os fatores determinantes da ação não são circunstâncias externas que obrigam a agir de determinada forma, elas são escolhas fundamentadas na percepção das opções.

Portanto, para responsabilidade individual, a questão não é se as escolhas de alguém são determinadas (visto que elas são), mas de que maneira elas são determinadas. Os epicuristas acreditavam que poderia haver desvios nas determinações e a liberdade consistiria exatamente nesses desvios indeterminados. Uma vida considerada feliz conjuga saúde do corpo e a liberação das angústias. Dessa forma, libertar-se da dor é o caminho da liberdade de uma boa vida.

Essa breve pontuação sobre a relação dos antigos com o problema da liberdade acentua não apenas a experiência da liberdade, mas o próprio caráter existencial da encarnação do homem no mundo e suas relações constitutivas. No entanto, essa relação sofrerá ao longo do tempo profundas transformações. Enquanto classicamente o acento estava no caráter de possibilidade próprio do corpo, a partir dos medievos, o caráter se desloca para a consciência e a subjetividade. Liberdade na Grécia significava estar fora de impedimentos como a ordem de um senhor ou algum defeito físico como a paralisia e etc. Arendt (2014) assinala ainda que:

Segundo a etimologia grega, isto é, segundo a autointerpretação grega, a raiz da palavra liberdade, *eleutheia*, é *eleuthein hopós eró*, ir conforme se queira; e não resta dúvida de que a liberdade básica era entendida como liberdade de movimento. Uma pessoa era livre se

pudesse locomover-se como quisesse; o ‘eu - posso’, não o ‘eu quero’, era o critério.⁸³

Ora, com essa breve exposição, foi possível perceber que ao longo da apropriação histórica esse termo foi sofrendo transformações importantes. Podemos caracterizar a metamorfose do sentido de liberdade na forma como ela deixou de ser mero indicativo de um status político (do cidadão livre e não de escravo) e de uma experiência física (do homem saudável) e passou a ser uma palavra indicativa de uma disposição interior através da qual um homem podia sentir-se livre quando era, na verdade, um escravo.⁸⁴

Especialmente a partir de Santo Agostinho a liberdade passou a ser debitária de processos internos e conflituosos e se restringiu ao problema do livre-arbítrio. Dessa forma, liberdade e vontade se conjugaram de forma irremediável e a liberdade passou a se determinar pelas possibilidades de escolha na medida em que “querer é usar o livre-arbítrio, cuja definição sempre se confunde com a de vontade”⁸⁵

Na tradição agostiniana a vontade é, por sua natureza, um poder autodeterminante, isto é, nenhum poder externo a ela determina sua escolha, e que esse recurso é à base de sua liberdade. Posteriormente, a contribuição de Tomas de Aquino segue a tradição aristotélica de modo que, a vontade é o desejo racional de modo que não avançamos sobre o que o julgamento da razão determina como ruim. A liberdade aparece na deliberação em direção aos fins. Dessa forma, a liberdade não é qualificada com fixidez, mas se mostra dependente nos objetos e na satisfação dos fins e na avaliação interna desses elementos.

A partir da operacionalização desses elementos de uma liberdade subjetiva, a tradição sedimentou o sentido de uma liberdade que se conjuga com um objeto da qual, para se concretizar como livre é necessário livrar-se de algo, a partir do perfilamento de escolhas. Nesse sentido, o homem livre é aquele que, utilizando seu livre-arbítrio, é capaz de escolher do que deve se livrar e o que deve incorporar para que de fato se torne livre. Esse parece ser o legado tomado pelo nosso tempo.

⁸³ ARENDT, 2014, p.279-280

⁸⁴ ARENDT, 2014, p.266.

⁸⁵ GILSON, 2006, p.298

A psicanálise como paradigma da lógica da ‘liberdade de’

Vejamos o exemplo da operacionalização desse entendimento da liberdade, conforme expomos, na psicanálise, como forma de ilustrar o funcionamento desses mecanismos, a partir da problemática do desejo.

O ponto que nos interessa aqui é o processo de repressão do desejo sexual como fundador da neurose. No texto de 1908, *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*, encontramos a discussão do antagonismo entre as pulsões humanas e as exigências civilizatórias, temática muito cara à Freud e presente em muitos momentos da obra. Sua tentativa é de comprovar que a etiologia das doenças nervosas tem relação fundamental com a experiência cultural na medida em que ela opera uma “repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados através da moral sexual ‘civilizada’ que os rege”⁸⁶

A hipótese da etiologia sexual das neuroses é à base da teoria psicanalítica de forma que se pode verificar “o fator sexual como o fator básico na causação das neuroses propriamente ditas”⁸⁷. A partir disso o eixo norteador do método psicanalítico será o discurso do e sobre o sexo que encarnará a verdade do desejo humano e o cerne dos conteúdos psicológicos que encarnarão os sintomas as quais Freud se debruçará.

O método psicanalítico possibilitou Freud relacionar os sintomas de distúrbios nervosos, como a histeria e a neurose obsessiva, por exemplo, à etiologia psicogênica. Dessa forma, as psicopatologias “derivam das necessidades sexuais de indivíduos insatisfeitos. (...). Portanto, todos os fatores que prejudicam a vida sexual, suprimem sua atividade ou distorcem seus fins devem também ser vistos como fatores patogênicos das psiconeuroses”⁸⁸

O viés profilático do método psicanalítico nunca esteve distante das pretensões de Freud, tanto que ele afirma: “Não podemos fugir a conclusão de que as neuroses poderiam ser evitadas se se poupasse ao ego infantil essa tarefa – isto é, se à vida sexual

⁸⁶ FREUD, vol. IX, p. 191

⁸⁷ FREUD, vol. IX p. 191.

⁸⁸ FREUD, vol. IX, p. 192

da criança fosse concedida liberdade de ação, como acontece em muitos povos primitivos.” (FREUD, vol. XXIII p.230). A liberdade aparece equacionada como uma necessidade de uma vida liberada de neuroses cuja causalidade reside nas repressões de uma vida sexual supostamente livre.

A própria psicanálise tem um compromisso com a ideia de liberação e sua prática parece se orientar para uma ideia de liberdade transitiva, isto é, que libera o homem de algo. Logo no começo de *Análise terminável e interminável*, Freud afirma que a experiência da terapia psicanalítica pode ser entendida como “a libertação de alguém de seus sintomas, inibições e anormalidades de caráter neurótico”.

A ênfase está nas vivências sexuais do passado e sua doutrina culminou na tese de que uma vida sexual experimentada sem repressões poderia representar certa inibição da condição neurótica. “Ainda hoje não considere essas teses incorretas” diz Freud em *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* “a essência dessas doenças reside em distúrbios dos processos sexuais”⁸⁹

A profilaxia da vida sexual é, portanto, também a profilaxia das neuroses. Logo, liberar o desejo sexual para que se o exerça de forma livre, significa melhora da sintomatologia psíquica. O desejo está reprimido pela moral civilizada, logo, o desejo livre é o desejo saudável. Podemos assim afirmar que a psicanálise, em certa medida, defende a liberação do desejo reprimido, no sentido de um fluxo liberado que segue seu destino sem restrições, ou melhor, sem tantas restrições.

A psicanálise tem um compromisso com a liberação, seja do desejo reprimido, seja pela desocultação dos conteúdos inconscientes e diminuir assim, seu caráter de pressão que promove os adoecimentos psíquicos. Por isso, ela se presta a orientar a relação da liberdade transitiva na contemporaneidade contra qual Nietzsche erigirá sua argumentação filosófica.

A crítica de Nietzsche e a liberdade intransitiva

⁸⁹ FREUD, vol. VII, p.291

Nietzsche, a partir do seu diagnóstico da contemporaneidade após a morte de Deus como a detração dos esteios metafísicos, nos apresenta a liberdade como fruto dessa mesma experiência. A partir disso, situa com o profético Zaratustra que é preciso recolocar o elemento humano em sua *inocência*⁹⁰.

Com relação à liberdade, o filósofo alemão faz uma importante diferenciação. Há uma clara defesa do caráter intransitivo da liberdade na medida em que ela pode ser pensada como liberdade para e não liberdade de (referência a objeto). Nessa intransitividade da liberdade temos uma conjugação com a possibilidade de criação.

Onde um homem chega à convicção fundamental de que é preciso que mandem nele, ele se toma "crente"; inversamente, seria pensável um prazer e força da autodeterminação, uma liberdade da vontade, em que um espírito se despede de toda crença, de todo desejo de certeza, exercitado, como ele está, em poder manter-se sobre leves cordas e possibilidades, e mesmo diante de abismos dançar ainda. Um tal espírito seria o espírito livre *par excellence*.⁹¹

Esses elementos para pensar a liberdade, especialmente na perspectiva nietzschiana, se relacionam com a reconfiguração do humano e a necessidade de superar sua conjugação com a falta. No capítulo *Do imaculado conhecimento* afirma o profeta Zaratustra:

“Ó hipócritas sentimentais, ó lascivos! Falta-vos a inocência no desejo: e por isso caluniais agora o desejar! Onde está a inocência? Onde há vontade de gerar. E quem quer criar para além de si, tem para mim a vontade mais pura.”⁹²

Essa inocência pela qual clama Nietzsche tem relação com vários elementos da sua filosofia. De início é necessário marcar o vocábulo inocência que vem do alemão *unschuld* e que poderia ser traduzido por desculpabilizado ou mesmo sem débitos, sem falta. O desejo culpado, esse que Nietzsche acusa de caluniado, se dá dessa forma por conta de um diagnóstico feito por ele acerca do nosso tempo e o governo dele pelo ideal ascético.

O ideal ascético está assentado nas bases de uma vida dominada pelos ideais cristãos, que negam o caráter polimorfo das configurações conflitantes da vontade de

⁹⁰ Termo que será trabalhado mais a frente mais a frente.

⁹¹ NIETZSCHE, 2003, p. 188

⁹² NIETZSCHE, 2011 p.117

poder e produzem como consequência uma vida culpada. Na *Genealogia da Moral* Nietzsche define essa relação:

O ideal ascético significa precisamente isso: que algo faltava que uma monstruosa lacuna circulava o homem. [...] A falta de sentido do sofrer, não o sofrer, era a maldição que até então não se estendia sobre a humanidade – e o ideal ascético lhe ofereceu um sentido.⁹³

Dessa forma, o ideal ascético promoveu na tradição ocidental a pulverização da interpretação do pecado como resultado de uma alma enferma, “sofrendo de si mesmo” e localiza sua causa: “deve buscá-la em si mesmo, em uma culpa, um pedaço de passado, ele deve entender seu sofrimento mesmo como uma punição.”⁹⁴ Nessa hermenêutica do sofrimento, se coadunam culpa, medo e castigo. A ausência de sofrimento, uma espécie de repouso é considerada um bem supremo para esse tipo de vida. A própria noção de uma vontade livre tal como se dá nos moldes ocidentais, não se dá fora do eixo culpa e castigo em que nos movemos como configurou a tradição cristã. Em contraste com a experiência grega que cuja causalidade do mal poderia ser divina, a tradição cristã torna o homem culpado.

Essa relação com a culpa coloca também a proposta de redimensionamento da relação com o tempo na medida em que há uma nova configuração com o passado, isto é, com o que já foi.

Se considerarmos que toda ação de um homem... de alguma maneira vai ocasionar outras ações, decisões e pensamentos, que tudo o que ocorre se liga indissolúvelmente ao que vai ocorrer, perceberemos a verdadeira eternidade que é a do movimento: o que uma vez se moveu está encerrado e eternizado na cadeia total do que existe.⁹⁵

Essa nova configuração pressupõe uma nova relação com o critério de necessidade que não seja mera submissão, tampouco o fluxo temporal seja confundido com necessidade do implacável destino que castiga o homem.

⁹³ NIETZSCHE, 2009, p. 139

⁹⁴ NIETZSCHE, 2009, p. 120

⁹⁵ NIETZSCHE, 2005, p.129

Esses elementos do destino que castigam as ações em tempo experimentado como linear e que precisa constantemente de (auto) acusação podem ser descritos como o:

ideal ascético [que] nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera, a qual busca manter-se por todos os meios, e luta por sua existência. [...] a vida luta nele e através dele com a morte, contra a morte, o ideal ascético é um artifício para a preservação da vida.⁹⁶

O diagnóstico de Nietzsche se dá no valor que a vida tem no ideal ascético. Sendo o valor algo antinatural e forjado nos eixos históricos que o configuram, os valores ascéticos têm seu acento

na relação com uma existência inteiramente outra, a qual exclui e a qual se opõe, a menos que se volte contra si mesma, que negue a si mesmo: neste caso, o caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para outra existência. O asceta trata a vida como um caminho errado.⁹⁷

Vida se caracteriza como expressão de elementos perspectivistas denominados por Nietzsche de vontade de poder. A característica fundamental de sua filosofia é defender o caráter absolutamente desfundamentado dessa vontade de poder que só emerge como configuração possível sustentada por uma rede de antagonismos e pode se recolocar, assumindo novas configurações de maneira intermitente.

A partir da nossa tradição metafísica ocidental, o mundo foi assentado em bases transcendentais de forma que a vida, nascida da queda mítica cristã, passou a operacionalizar uma vida que o tempo inteiro precisa de retificação. Nesse sentido, o sentido último da existência passou a ser uma vida futura e encarnação terrena mera ponte para que se atinja a plenitude no azul celeste. Nesse sentido, a ascese é o método que, pela denegação da morte conjugada ao entendimento do sofrimento como expiação da culpa, conduz ao caminho consolidado historicamente como salvação. Mais do que isso, esse mecanismo conferiu valor tal como pensado pelo alemão, ou seja, “condições

⁹⁶ NIETSCHE, 2009, p. 101

⁹⁷ NIETSCHE, 2009, p.98

de conservação e intensificação para configurações complexas de duração relativa da vida no seio do vir-a-ser”⁹⁸

Nesses moldes, o cristianismo passou a operacionalizar um tipo vital que precisa de medidas corretivas e passa a dar sentido a vida apenas na medida em que ela precisa de assentos metafísicos estáveis e duradouros que são os atributos de deus.

Ao colocar a morte de Deus como correlato da modernidade, Nietzsche derruba os pilares que assentavam a vida humana em pilares estáveis e expõe o caráter múltiplo da vida que não tem elementos fixos e se configura e reconfigura a todo o momento.

O desejo, como elemento dessa experiência, também carrega as marcas de uma vida que nega o tempo todo a si e se culpa por isso. Por isso o desejar é culpado. Ao realizar tal acusação, Nietzsche aspira colocar o desejo em sua inocência, sua desculpabilização. Um desejo que exponha o caráter caótico da vida. Ressaltando, no entanto, que caos em Nietzsche dá conta da ideia de que nada se determina antes das relações, isto é, nada se determina antes da vontade de poder. Caos é indeterminação ontológica da vontade de poder. “a força de criar o homem sábio e inocente..., da mesma forma regular como hoje produz o homem tolo, injusto, consciente da culpa _ que é não o oposto, mas o precursor necessário daquele.”⁹⁹. É preciso também, participar de uma certa inocência da necessidade.

Ora, a partir disso poderemos recolocar os termos: a tradição pensa as partes dadas a priori e depois a relação entre elas. A radicalidade em Nietzsche está na afirmação de que nada se de modo prévio as relações. Não há elementos prévios uma vez que os elementos só se dão na relação.

A vida enquanto vontade de poder coloca o caráter relacional como central, isto é, constituída por uma multiplicidade de elementos relacionais determinantes do modo de relação – marcados por um caráter interpretativo. Cada elemento tem poder de interferir na relação. Por isso são denominados perspectivísticos e a perspectiva diz respeito justamente, a cada elemento em seu poder de interferir no modo como uma relação foi constituída.

⁹⁸ NIETZSCHE, 2002, p. 123

⁹⁹ NIETZSCHE, 2005, p.107

Nesse sentido, a vida é feita originariamente de embates de elementos perspectivísticos – tal como a idéia de vetor em física. Não há lugar específico que seja anterior ao embate. A vida é o vetor que emerge das relações e que traz consigo uma vontade de poder. Isto é, a vida incessantemente se articula.

No capítulo denominado *Do caminho do criador* está explicitada essa possibilidade de estabelecer estatutos distintos da liberdade quando Nietzsche afirma pela boca de Zaratustra: “Livre de que? Que importa isso a Zaratustra! Mas teus olhos devem claramente dizer: livra para que?”¹⁰⁰

Essa diferença tão claramente explicitada nessa passagem coloca claramente a diferença no elemento objetal da liberdade. A conjugação tradicional da liberdade como eleição do afastamento do objeto foi explicitada anteriormente na experiência vitoriana, por exemplo, a experiência da repressão sexual predominante e a psicanálise seria a experiência da liberação. O substrato metafísico da psicanálise é aquele que diz que essencial está reprimido. Daí a equação *libertação = liberdade*.

A crítica que Nietzsche realiza seria a redução da liberdade à mera emancipação. Ou seja, a independência de algo como signo de liberdade. A liberdade para Nietzsche está na necessidade de ser quem se é e criar seu próprio caminho que permita realizar-se na sua inocência, na plenitude, sem débitos.

Criação em Nietzsche diz respeito ao modo como me torno quem eu sou. Criador é quem faz seu caminho, sendo que não há método para isso. O caminho não chega a nenhum lugar¹⁰¹, mas o próprio caminho já é a meta. O criador é quem experimenta a caminhada como método. “Quem chegou, ainda que apenas em certa medida, à liberdade da razão, não pode sentir-se sobre a Terra senão como andarilho - embora não como viajante em direção a um alvo último: pois este não há.”¹⁰²

Tradicionalmente, a criação é uma noção comparativa e se coloca na experiência que equipara o novo em relação ao novidadeiro através de uma avaliação qualitativa. A liberdade assim se dá no critério da contingência e não na necessidade. Com essa

¹⁰⁰ NIETZSCHE, 2011, p.61

¹⁰¹ Até pelo contexto da morte de Deus não há mais pólos a serem ligados. Após a morte, os eixos que sustentavam a metafísica tradicional e a dividia em dois mundos no binarismo tradicional perde a necessidade de filosófica. A partir dessa descentralização a vida tem que se expandir e a unidade só aparece como afirmação criativa do múltiplo.

¹⁰² NIETZSCHE, 2005, p. 271

estratégia filosófica, Nietzsche perverte os termos da tradição: é no devir que se dá o necessário, isto é, é necessidade do contingente. Nesses termos, a noção de liberdade possibilita a reabilitação da noção de necessidade (que tradicionalmente é pensada exclusivamente como o correlato negativo do contingente).

Necessidade é o termo definido pela tradição para aquilo que existe em si e por si e nos insere na rede causal, excluindo a possibilidade da contingência, isto é, o que não se determina causalmente e se coloca na imprevisibilidade.

A liberdade pressupõe, como exposto anteriormente, a possibilidade de escolha racional. Um mundo contingente, portanto, não pode ser um mundo de liberdade nesses termos, pois, não permite calcular as escolhas do que não se pode prever. A crítica de Nietzsche à ideia de que o homem seja livre para escolher o que faz ou o que é pressupõe a ideia de que ele é determinado pelo curso da necessidade.

Outrora se concedia ao homem a liberdade da vontade como seu dote de uma ordem superior; hoje lhe tiramos inclusive a vontade, no sentido de que sob esta palavra não se deve mais entender qualquer faculdade. A velha palavra “vontade” serve apenas para designar uma resultante, uma espécie de reação individual que se segue necessariamente a uma quantidade de estímulos em parte contraditórios, em parte concordantes; a “vontade” não “atua” mais, não “move” mais.¹⁰³

Por isso é necessário essa reabilitação na noção de liberdade por meio da perversão das noções de contingência e necessidade operada por Nietzsche para que esses termos possam ser conjugados. Se o mundo é contingência, a liberdade não pode mais se reduzir ao arbítrio das escolhas, mas, sim de uma liberdade que cria e não depende de um objeto para ser habilitada. Criar não é pensado na sua transitividade (criar algo), mas, é modo de ser, é produção de devir. Dessa forma, tornar-se livre não é conquista, mas é reapropriação. A liberdade é ser livre para criar-se, é conjugação de liberdade e criação. O próprio Zarathustra afirma: “criar liberdade para nova criação”¹⁰⁴

Nesses moldes podemos perceber a estratégia filosófica de Nietzsche que não é exatamente recusar a tradição, atacando-a de frente, mas sim de perverter os termos da

¹⁰³ NIETZSCHE, 1997, p.58

¹⁰⁴ NIETZSCHE, 2011, p.28

tradição realizando o que ele chamava de transvaloração. Essa parece ser sua estratégia e que torna sua obra potente.

Um espírito livre é aquele que não precisa de refúgio nas ideias teóricas, mas está contida nessa ideia a possibilidade de se relacionar de forma ascensional pela liberdade que se estabelece ao se dizer o sim criador. Como afirma Nietzsche:

O conhecimento, o dizer-sim à realidade, é para os fortes uma necessidade, tal como para os fracos, sob a inspiração da fraqueza, a covardia e a fuga da realidade - o "ideal"... Eles não têm a liberdade de conhecer: os *décadents* precisam da mentira - ela é uma de suas condições de conservação.¹⁰⁵

Conclusão:

A proposta de Nietzsche com a ideia de uma liberdade intransitiva se situa na proposta de, em um mundo reposicionado mediante a superação da dicotomia metafísica promovida pela morte de deus, a ação do homem não deve ser a experiência de um livramento de um jugo.

A liberdade tem relação com a criação de um caminho próprio, de uma reconfiguração de um mundo que esteve regido pelo “preconceito da razão” e que nos “obriga a estipular unidade, identidade, duração, substância, causa, materialidade, ser”¹⁰⁶

A filosofia de Nietzsche a marteladas nos força a nos posicionar, inclusive no filosofar, de uma forma a construir sob outras balizas, em chão movediço, deveniente, o caminho do criador. Um caminho traçado pela dor das transmutações.

Conforme exposto, portanto, a psicanálise deu coesão a uma série de elementos próprios à contemporaneidade que instalam no desejo uma necessidade de libertação como se, na medida em que liberarmos ele das amarras próprias aos mecanismos psíquicos inconscientes, ele estaria livre para se exercer e o homem teria aí, por conseguinte, uma experiência de vida livre também.

¹⁰⁵ NIETZSCHE, 1999, p. 46

¹⁰⁶ NIETZSCHE, 2017, p. 22

É preciso um tipo humano que corresponda a lógica do devir inocente e que, de alguma forma, resgate o tipo que ficou preso no cativo da culpa, do ressentimento e da vingança e que resultou no homem tal como conhecemos hoje.

A contraposição nietzschiana busca justamente mostrar que a liberdade não é simplesmente se tornar livre de um julgo mas, na verdade, está na conjugação de uma possibilidade criativa de romper com a metafísica tradicional e se relacionar de forma criadora com os elementos próprios à nossa experiência. Por isso, o desejo, escolhido como exemplo para o presente trabalho, não se mostra mais sob égide de mecanismos repressivos, mas, se abre à conjugação como verbo pleno de possibilidades: desejar.

Referências Bibliográficas:

ARENDDT, Hanna. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2014.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco 2*. Ed. São Paulo: Forense, 2017.

CARTER, Ian. "Positive and Negative Liberty", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2019 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = [<https://plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/liberty-positive-negative/>](https://plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/liberty-positive-negative/).

Acessado em: 25 Jul. 2020.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

GILSON, Etienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2006.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. 1654 [1999]. São Paul: Nova Cultural.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, F. *O Anticristo*. Lisboa, Guimarães Editores, 1997.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

NIETZSCHE, F. *Fragmentos Finais*. Brasília: Editora UNB, 2002

NIETZSCHE, F. *Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo, Cia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano I*. São Paulo: Cia das letras, 2005.

NIETZSCHE, F. *Nascimento da tragédia* in: *Obras Completas*. São Paulo: Editora Nova cultural, 1999.